

jornal de letras, artes e ideias

Ano V n.º 145 De 16 a 22 de Abril de 1985 Preço 50\$00

Semanalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos

Doris Lessing:  
(quase) esquecida



Álvaro Siza Vieira

## Arquitectura: dois portugueses na Bienal de Paris

pág. 12

Artes

Bienal de Paris

Nuno Portas

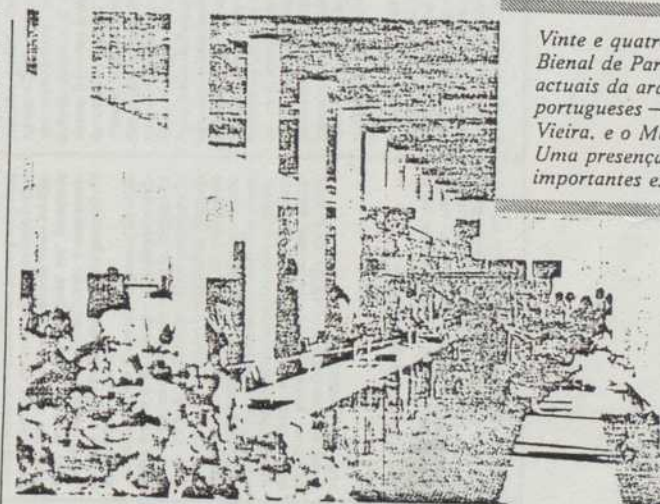
Aí vai um bilhete de Paris, à moda dos bilhetes postais do J. A. França, para assinalar uma importante presença da arquitectura portuguesa na Bienal de Paris, agora aberta ao público na grande nave de La Villette — parte do parque de atracções do norte parisiense que espera as «folies» do arquitecto amigo Tschumi escolhido em recente concurso público.

E dado que esta crónica vai sob o signo do nacionalismo, insurgiu-se o arquitecto ferido francês ao dar-se conta de que, por umas razões ou por outras, acabaram por ser estrangeiros os arquitectos de quase todos os «grandes estaleiros» do septenato do presidente Mitterrand e, até, do Maire Chirac! Foi o caso da nova ópera (na Bastilha), entregue por um júri de concurso a um canadiano; do polémico arranjo do Museu do Louvre, entregue pessoalmente por Mitterrand a um americano-chinês sempre eficiente e por vezes elegante; de outro museu, o que deve mostrar a cultura da Revolução Industrial no edifício da velha estação do Quai d'Orsay, que está a ser arranjado por uma grande especialista italiana (Sae Aulenti); já não falando da «miséria» que o castelo Boffill vai fazendo por aqui com os seus bairros neobarrócos, o último por detrás da estação de Montparnasse, outros mais antigos servindo de «disco» ao divertidíssimo filme de política-ficção de T. Sicilian que dá pelo nome de «Brasil»... enfim, se juntarmos a escolha do suíço para a Villette ou o encargo feito por Chirac a um japonês, dá para pensar sobre a verdadeira colonização cultural que os franceses vão deixando fazer na sua própria capital — e nós que dizíamos que eram eles os xenófobos! — com raiva e despeito dos arquitectos locais que, para não parecer mal, denunciavam os gastos de dinheiro públicos nestas grandes obras...

Dois portugueses

Mas passemos sobre estes detalhes: não é só Paris que é «rendez-vous» da arquitectura internacional; é também Berlim — onde a obra de Siza Vieira continua a ser polémica — ou a Barcelona que prepara a candidatura aos Jogos Olímpicos. E a chamada de Siza a Haia para um projecto concreto também vai no mesmo sentido das «trocas» culturais que tradicionalmente, via reis ou bispos, sempre se

## Dois portugueses no panorama da arquitectura actual



Vinte e quatro projectos expostos no âmbito da Bienal de Paris documentam as tendências actuais da arquitectura. Entre eles dois projectos portugueses — a moradia de Ovar, de Siza Vieira, e o Mercado de Braga, de Souto Moura. Uma presença em força numa das mais importantes exposições do momento.

mais publicitadas. Atitude que não deixa também de ser... polémica.

Os «posts» e os «prazeres»

A outra polémica, a dos «posts», esta está em cheio no primeiro andar do Beaubourg, vinda do novo e também polémico museu da arquitectura de Stuttgart com todos os «papas» presentes, de Venturi a Rossi, dos Krier a Moore e todo o séquito arquitectónico, cada um com direito a um quarto com decêntos ou maquetas, numa exposição que se chama dos «Novos Prazeres da Arquitectura». Mas nenhum ibérico, neste caso, nos dá esse prazer. Desfile que deixa perplexa a multidão de gente comum que vi passar por lá numa tarde de sábado. Arquitecturas trónicas ou provocatórias, umas; de colagens revivalistas de estilos do passado, outras; de hieratismos ou gigantismos de conotações «totalitárias», ainda outras; mas sobretudo arquitecturas pintadas e não construídas (nem construíveis, nalguns casos) e que visam quase sempre mais a «atitude» ou mesmo a provocação do que a fruição, a vivência, numa palavra (que sei ser também ambígua), a poética, Fado de poética capaz de motivar as pessoas-habitantes sem precisar de apelar para a memória erudita. Tal como aconteceu com outras formas de expressão — a pintura ou a literatura ou, ainda, recentemente o cinema —, esta arquitectura das exposições e da vanguarda — das «revistas» de arquitectura ainda se caracteriza pelo «discurso» sobre a própria linguagem — e, pessoalmente, tenho cada vez mais dúvidas que este intelectualismo exacerbado e quase sempre aborrecido ajude a sair da crise da comunicação que o ditou. Os «novos prazeres» da arquitectura, esses há que busca nos privadamente em obras menos pretensiosas e não necessariamente conformistas que se vão construindo aqui e ali. E viva o Mercado de Braga!

fizeram, embora em termos quantitativos nos fossem desfavoráveis...

Os arquitectos portugueses, antes sem e agora com Mercado Comum, têm pois mais que fazer do que procurarem defender-se administrativamente do fantasma da invasão estrangeira: por exemplo, sendo opressivos... culturalmente falando, como o foram os holandeses, os finlandeses ou os austríacos noutras décadas atrás. E, tal como acontece com outros sectores económicos, também se não pode desculpar os nossos Ministérios da Cultura ou dos Negócios Estrangeiros ou a Fundação Gulbenkian — pelo quase absoluto desconhecimento que mostram do que, hoje, mesmo sem apoios oficiais, já «vale» a arquitectura de portugueses nos países mais avançados. Só nos últimos meses, mais duas revistas — estas até de quiosque — dedicam muitas páginas à arquitectura portuguesa. São essas revistas: a «Domus» de Milão (numa espécie de Lisboa-Porto) e a «AMC» de Paris (a escola do Porto), para não referir o belíssimo número monográfico de «Quadrerns de Arquitectura» de Barcelona à retrospectiva de Siza Vieira.

Vem isto a propósito da Bienal de Paris. Sobre umas centenas de obras de arquitectura inscritas, um júri francês escolheu duas dúzias de exemplos que estão expostos sob a forma de fotografias a cor, projecção de dispositivos em grande ecrã e vídeo feitos expressamente por profissionais contratados pela Bienal.

Entre os 24, dois portugueses escolhidos: o (felizmente) inevitável Siza Vieira, com uma das últimas obras — a moradia em Ovar — e Eduardo Souto Moura com o mesmo mercado municipal de Braga que já ganhara, em 1984, o Prémio de Arquitectura da revista «Cadernos Municipais». As duas obras portuguesas — a primeira mais problemática, a segunda mais directa — cito de cor, entre as contribuições mais sérias, ao lado da única espanhola (o Museu de Arqueologia de Mérida de Rafael Moneo) de uma excelente escola suíça, de um dispensário no Suriname em ambiente tropical, de uma tenda que abriga uns laboratórios de investigação em Cambridge, de outra que vende produtos da IBM desenhada por Renzo Piano, um dos autores de Beaubourg — cujo «tubismo» exacerbado e retórico continua a